

Redes de movimentos sociais no mundo multicultural*

*Abstract social movement networks in a
multicultural world*

Resumo

O texto procura explorar o potencial de empoderamento das redes de ações coletivas e movimentos sociais em contextos latino-americanos, em especial no Brasil, a partir de suas dimensões de solidariedade, de estratégia e de pensamento crítico. Destaca alguns desafios a serem enfrentados pelo pensamento crítico: a luta contra o fundamentalismo, a desconstrução e o descentramento de identidades, a superação do essencialismo rumo ao interculturalismo e da separação entre teoria e prática para um engajamento dialógico na rede. Explora essas dimensões com base numa tipologia de casos empíricos relevantes em alguns países da América Latina, no atual momento histórico. Aborda, finalmente, as configurações e desdobramentos das redes de movimentos sociais a partir e pós-períodos de ditaduras militares, examinando as lutas pela democratização, pelos direitos de cidadania, contra o processo de globalização excludente e pela paz.

Palavras-chave: movimentos sociais, redes sociais, organizações civis, multiculturalismo e interculturalismo, pensamento crítico.

Abstract

This text explores the empowerment potential of collective actions and social movement networks in Latin American contexts, especially in Brazil, considering their dimensions of solidarity, strategy and critical thought. It highlights some challenges to critical thought: the struggle against fundamentalism, de-construction and decentralization of identities, the defeat of essentialism in favor of interculturalism and of the separation of theory and practice in favor of a dialogical engagement in a network. It explores these dimensions on the basis of a typology of relevant empirical cases, in some Latin American countries, from the present historical moment. Finally, it looks at the configurations and changes in social movement networks' during and after the period of military dictatorship, examining the struggles for democratization, for the rights of citizenship and against the process of an exclusionary globalization and for peace.

Key words: social movements, social networks, civil organizations, multiculturalism and interculturalism, critical thought.

Ilse Scherer-Warren

Doutora em Sociologia.

Pós-Doutora, University of London, UL, England.

Professora Titular e Coordenadora do Núcleo de Pesquisa em Movimentos Sociais do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC.

Pesquisadora Visitante na Universidade de Brasília/UnB, entre 2004-2005.

* Partes deste texto foram desenvolvidas e apresentadas no Seminário *Estudos e pesquisas sobre as Organizações Não-Governamentais na América Latina: situação e perspectivas*, organizado pela ABONG (Associação Brasileira de Organizações Não-Governamentais), ALOP (Asociación Latino-Americana de Organizaciones de Promoción) e PUCSP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), São Paulo, Dezembro de 2001 e publicadas em Scherer-Warren (2002). Posteriormente, uma versão modificada em inglês foi apresentada no Seminário *Democracy and Recognition: a North-South Debate*, Berlim, Abril de 2002.

Introdução

Meu ponto de partida é que, para se compreender os movimentos sociais no contexto do mundo globalizado e multicultural, importa examinar as redes sociais interorganizacionais e interativas entre sujeitos sociais. Deste ponto de vista três dimensões analíticas podem ser consideradas:

- as redes de solidariedade;
- as redes estratégicas;
- as mudanças no pensamento crítico.

Eu passarei rapidamente pelas duas primeiras, que são mais conhecidas, e examinarei alguns elementos da última, por ser essencial à compreensão dos movimentos sociais em um mundo multicultural.

Após, colocarei alguns exemplos relevantes de organizações em rede, em alguns países da América Latina. E concluo com a apresentação de quatro tipos de movimentos mais amplos, resultante de redes de múltiplas organizações ou redes de redes, base empírica do que conceitualmente denomino de redes de movimentos sociais.

Redes de solidariedade

Se no passado a dimensão do **conflito** tendia a ser o principal recurso ideológico para mobilizações coletivas, hoje o apelo à **solidariedade** passa a ser cada vez mais um recurso legítimo para as mobilizações sociais.

Em um mundo multicultural, onde os atores políticos tendem a desenvolver diversas identidades, será no apelo à solidariedade entre os povos e culturas diferentes que inter-subjetividades podem se formar, como no exemplo fornecido por Dussel (2000, p. 520), citando o caso de uma emblemática liderança popular latino-americana:

Desta maneira o 'sujeito' feminino (o gênero) de Rigoberta Menchú é também o sujeito indígena (a etnia), de cor morena (a raça), em terras devolutas (a questão ecológica), sem direitos (exclusão jurídica), sem participação na sociedade civil dominada (o político), pobre (o econômico), camponesa (a classe), analfabeta (a cultura formal), guatemalteca (o país periférico), etc.

Todavia, **identidade social, diálogo e solidariedade** nem sempre andam juntos. As identidades

ameaçadas podem refugiar-se em fundamentalismos étnicos, religiosos, dentre outros. Nesse caso a solidariedade por si mesma não é salvaguarda do reconhecimento da diversidade. É necessário que venha acompanhada por um pensamento crítico e auto-reflexivo de novo tipo, como veremos adiante.

Redes estratégicas

A rede, como um recurso estratégico, pode ser usada para fins de emancipação tanto quanto para fins totalitários. A rede em si não é virtual; depende de como se utiliza. Por exemplo, uma rede de movimento social (RMS) difere de uma rede terrorista (RT) em sua visibilidade, estratégia, alvos e tipo de *empowerment* (empoderamento), como está representado no quadro abaixo.

Tipos de redes

Quadro 1 – Tipos de redes

| Tipos | Visibilidade | Estratégia | Reivindicações | Empoderamento |
|---------------------------|----------------------|---------------------|-----------------|-------------------------|
| Movimentos Sociais | Esfera pública | Redes de informação | Emancipação | Sociedade civil |
| Terrorismo | Células clandestinas | Redes de guetos | Coerção ilícita | Grupos fundamentalistas |

Não obstante, a distinção entre coerção legítima e ilícita é fonte de tensões internas em algumas redes de movimentos sociais. Por exemplo, no “movimento anti-globalização”, o ativismo agressivo do “black block” não é aceito por algumas tendências pacifistas. Assim sendo, as estratégias da rede também devem ser examinadas por um pensamento crítico que contemple as diversidades de um mundo multicultural.

Portanto, as limitações das dimensões da solidariedade e da estratégia podem se beneficiar com um aprofundamento ao nível da reflexão crítica, conforme veremos a seguir.

Pensamento crítico

Os movimentos sociais latino-americanos do último século tendiam a construir seu pensamento crítico baseados nas grandes narrativas do marxismo, especialmente através do assim chamado novo sindicalismo e da teologia da libertação (SADER, 1988). Com os novos movimentos sociais, as narrativas das minorias foram

introduzidas, baseadas em suas especificidades (feministas, ecologistas, grupos étnicos, etc.). Os cenários multiculturais, em novos tempos de globalização, trazem, também, novos desafios ao pensamento social crítico, dentre os quais destacamos quatro principais.

1 Desfundamentalização

Na América Latina ao fundamentalismo ideológico oriundo de narrativas marxistas pode se acrescentar outros tipos de fundamentalismos: religiosos (messiânicos), étnicos (racismo), territoriais (regionalismos e nacionalismos exacerbados), político-culturais (patriotismo que implica em homogeneização cultural), etc.

As redes construídas nas interfaces de projetos alternativos, tais como as feministas, ecológica, de direitos humanos, tendências pós-coloniais e outras, podem operar como pontes de comunicação opondo-se aos códigos históricos fundamentalistas: religiosos, nacionais, territoriais e étnicos. Como nas palavras de Castells (2000, p. 22-3), elas “constroem pontes de comunicação entre outras redes na sociedade, em oposição aos códigos da rede atualmente dominante”, e quando os códigos vão além da auto-definição específica desse movimento particular, então estas redes farão a diferença entre o comunitarismo fragmentado e uma nova construção da história, que contemple relações interculturais.

2 Descentramento das identidades

Na perspectiva das grandes narrativas, havia somente um sujeito social de transformação, que poderia ser a classe, o messias, o líder carismático e assim por diante. Com o pensamento desconstrutivista dos novos movimentos sociais, admitiu-se a existência de sujeitos com identidades múltiplas (gênero, etnia, nação, etc.) e a transformação social passou a ser concebida a partir de um enfoque que levava em consideração a articulação discursiva de diversos atores coletivos.

Hoje, os contatos crescentes entre culturas diferentes requerem, além do respeito à diferença, a construção de uma intersubjetividade que resulte de uma participação conjunta na esfera pública onde os conflitos podem ser negociados à luz de uma reflexividade crítica acerca das ambigüidades das práticas políticas multiculturais. Por exemplo, nos Fóruns Sociais Mundiais, em Porto Alegre, críticas internas eram feitas quando o discurso por uma democracia multicultural não era acompanhado de oportunidades dadas às vozes dos múltiplos atores, representantes de minorias sociais, tais como a das mulheres jovens negras e pobres.

3 Do essencialismo ao interculturalismo¹

As grandes narrativas implicaram em alguns essencialismos coletivistas (dicotomia de classe) e as nar-

rativas das minorias contribuíram para um essencialismo das diferenças (como por exemplo, em alguns feminismos e ecologismos radicais).

A pergunta no contexto de uma sociedade multicultural é: como superar a fragmentação dos novos movimentos sociais sem criar novos modelos unitaristas totalitários? Ou, como ter práticas que levem à inclusão social das culturas socialmente subalternas, sem colonizar as “minorias”?

A “teoria da tradução” de Sousa Santos (1999, p. 202-3) ajuda-nos a pensar sobre este ponto: necessita-se de uma teoria que permita uma compreensão comum das diversas lutas sociais, o reconhecimento do outro e a elevação de sua condição de objeto a uma condição de sujeito político ativo. Isto implica na junção entre conhecimento e reconhecimento do outro e conduz-nos ao último desafio.

4 Da separação entre a teoria e prática ao engajamento dialógico na rede

Aqui pensaremos na relação entre conhecimento/reconhecimento/práxis do sujeito em uma rede de movimento social. Ou seja, como construir uma teoria da tradução que leve em conta:

- a produção intelectual, especialmente dos acadêmicos;
- os discursos de mediação, especialmente aqueles produzidos por ONG’s;
- as vozes dos militantes das bases dos movimentos.

Goldfarb (1998, p. 205-6) ajuda-nos a refletir sobre este ponto, dizendo que os intelectuais podem e devem ajudar seus compatriotas a falar, [mas] o discurso deve ser aberto à deliberação pública e à contestação democrática, evitando as fórmulas da ideologia. E adiciona que “Subvertendo o senso comum, o intelectual ajuda a empoderar o marginal. Civilizando as diferenças, o intelectual estabelece o campo comum para a vida pública”.

Porém, como avançar deste nível da produção do conhecimento para o do reconhecimento social e práxis política? Numa primeira etapa podemos encontrar na recomendação de Goldfarb (1998, p.215):

Uma tarefa intelectual e política maior é articular os problemas de identidade e interesses às experiências de grupos específicos e mostrar como experiências, identidades e interesses estão relacionadas com outras experiências, identidades e interesses...[permitindo alcançar as vozes do subalterno] para além da política identitária, seja ele baseada no gênero ou na sexualidade, na raça ou na etnicidade, na classe ou na nacionalidade.

O Fórum Social Mundial foi um laboratório social interessante nesse sentido, na medida em que se estimula-

va a auto-reflexividade crítica, traduzido no 3º. FSM pelo lema “Contra o pensamento único”. Tratava-se de construir um novo olhar sobre si mesmo, e de si na relação com o outro, tanto de seu grupo identitário, de outras identidades de movimentos sociais e até mesmo na relação com seus supostos grupos de conflito.

Uma segunda etapa é organizar parcerias entre acadêmicos, ONG's e organizações de base, de forma mais contínua, para o desenvolvimento de uma teoria da tradução, por um lado, e para a construção do reconhecimento social do diferente, por outro, e assim avançar da reflexão crítica para as novas práxis políticas necessárias no mundo multicultural. A Associação Brasileira de ONG's (ABONG), em conjunto com outras ONG's da América Latina, está criando iniciativas nesse sentido.

mente, uma vez que será a partir do concreto vivido no movimento que a reflexividade crítica tem melhores condições de se realizar. Esse aprendizado reflexivo a partir da vivência no movimento tem sido expresso de forma muito contundente em relatos ou histórias de vida de militantes oriundos das classes populares, de mediadores de ONGs ou lideranças de movimentos sociais². Portanto, apenas para fins de sistematização na análise é que essas dimensões merecem ser distinguidas, conforme apresentadas no quadro a seguir, pois na prática o que interessa é seu caráter de imbricação no interior de uma rede de movimento continuado e na qual o sujeito encontra-se num permanente vir a ser.

Redes de organizações civis e ações coletivas

Quadro 2 – Redes de organizações civis e ações coletivas

| <i>Tipos de Redes</i> | Dimensão Solidária | Dimensão Estratégica | Pensamento Crítico | Exemplos |
|---------------------------------|-----------------------------|-----------------------------|----------------------------------|------------------------------|
| Ações Voluntárias | Filantropia | Enfrentar a exclusão social | Restabelecer a dignidade | Campanha Contra a Fome |
| Economia Solidária | Cooperação | Intercâmbio direto | Intercâmbios desiguais | Clubes de Troca |
| Terceiro Setor | Ajuda aos necessitados | Parcerias | Empoderamento social | Empresariado Social |
| Ações Humanitárias | Vítimas de desastres | Ajudas emergenciais | Compromisso moral | Médicos Sem Fronteiras |
| Redes Identitárias | Reconhecimento social | Inclusão social | Direito à diferença | Feminismo, Ms. Étnicos, etc. |
| Ações Educativas | Pedagogia social | Consciência social | Emancipação coletiva | CEBs, CPCs, Eco-Pedagogia |
| Democracia Participativa | Negociação | Parceria na esfera pública | Empoderamento da sociedade civil | Orçamento Participativo |
| Cidadania Planetária | Solidariedade intercultural | Intercâmbios dialógicos | Justiça e democracia | Fórum Social Mundial |

Redes de organizações civis

Tratarei aqui de alguns exemplos de diversos tipos de redes de ações coletivas e de organizações civis, tendo como alvo estabelecer como as redes solidárias e estratégicas estão sendo tecidas e de que forma se baseiam na reflexividade ou pensamento crítico. Naturalmente, essas três dimensões das redes não se apresentam com a mesma intensidade nas diferentes experiências de ações coletivas. A dimensão do pensamento crítico é, freqüentemente, a que se desenvolve mais lenta-

O **voluntariado** expressa coletivamente sua solidariedade através da filantropia, na esperança de uma diminuição da exclusão social e dentro da perspectiva de restabelecer a dignidade aos pobres, como se deu na Campanha Contra a Fome no Brasil (Campanha do Betinho). Há críticas sobre as reais possibilidades de se transcender o mero assistencialismo neste tipo de ação.

Na **Economia Solidária** grupos visam desenvolver o espírito de cooperação através do intercâmbio entre produtores e consumidores baseados na crítica das “trocas” desiguais no sistema econômico moderno, e formando uma rede

de solidariedade e usando uma moeda alternativa própria. Há, todavia, dúvidas quanto à possibilidade de sobrevivência destas práticas no interior de uma sociedade capitalista.

O Terceiro Setor

emprega o princípio de solidariedade aos carentes através de parcerias entre voluntários da sociedade civil e o empresariado, visando o empoderamento social e tecnológico daquelas populações, como nas muito divulgadas Iniciativas Sociais do Empresariado. Há muitas críticas em relação ao caráter instrumental deste tipo de ação e de mera mitigação das injustiças provocadas por um sistema do qual o próprio empresariado também é responsável.

As **Ações Humanitárias** implicam em ajudas emergenciais para vítimas de desastres (naturais ou humanos, como nas zonas de guerras ou conflitos), enquanto compromisso moral humanitário, como ocorre com o Movimento dos Médicos Sem Fronteiras e outras ONGs. As críticas aqui se referem ao fato de que estas ações, colocando a atenção na minimização dos sofrimentos da guerra, poderiam vir a legitimá-la.

As **Redes Identitárias** buscam o reconhecimento social de seus pares identitários, almejando inclusão social e participação na esfera pública, levando em consideração a necessidade de afirmação do direito à diferença, como nos casos dos movimentos feminista, gay, étnicos e outros. A crítica que se pode fazer diz respeito a situações nas quais a afirmação radical da diferença e/ou das identidades restritivas levam à exclusão ou não negociação com o outro, podendo gerar o separatismo sociocultural ou a xenofobia.

A **Ação Educativa** trabalha através da pedagogia social para formação de uma consciência social em relação à qualidade de vida, ecologia, oposição à discriminação e a outros problemas sociais na perspectiva da emancipação. Uma rede recente, que vem surgindo, é o Movimento pela Eco-Pedagogia. O desafio que se coloca é de como passar da ação educativa à participação política e a movimentos pela inclusão na esfera pública.

A **Democracia Participativa** segue um tipo de negociação solidária que ocorre através da participação da sociedade civil na esfera da governança local, resultando no empoderamento da sociedade civil. Um exemplo bastante conhecido é o Orçamento Participativo de Porto Alegre e de outros municípios brasileiros. O desafio é de como incluir a participação efetiva da população mais excluída e pouco organizada.

Os cenários multiculturais, em novos tempos de globalização, trazem, também, novos desafios ao pensamento social crítico...

Quando falamos de **Cidadania Planetária**, estamos nos referindo à solidariedade intercultural construída através de um intercâmbio dialógico dos grupos e movimen-

tos sociais diversificados, defendendo princípios de justiça e democracia como no Fórum Social Mundial. O desafio que se coloca aqui, dentre outros, é de como estabelecer uma linguagem de comunicação a partir de formações discursivas e identitárias diferenciadas e que já possuem uma tradição em suas trajetórias his-

toricamente construídas. Em outras palavras: como, com base em uma teoria da tradução, construir a comunicação de sujeitos sociais diferenciados?

Redes de movimentos sociais

Concebemos os movimentos sociais, em um mundo globalizado e multicultural, como redes de interação e prática social, simbólica e política, as quais são pouco formalizadas e institucionalizadas. Essas redes conectam cidadãos, grupos e organizações da sociedade civil engajados em torno de conflitos ou no apelo a uma solidariedade comum, baseando-se em projetos políticos ou culturais, construídos em torno de identificações e valores coletivos.

O uso do termo redes nesse contexto se refere a conexões políticas, simbólicas e informacionais/comunicacionais que são estabelecidas através de atores sociais, organizações sociais, (como ONG's e outras) e movimentos sociais específicos. As conexões podem ser locais, nacionais ou transnacionais, ou poderemos ter uma rede global de movimentos sociais como no caso do "movimento antiglobalização", ou por uma "alterglobalização", como muitos preferem denominar esse movimento.

A partir desta perspectiva conceptual, poderemos abordar a trajetória histórica dos movimentos sociais na América Latina.

No caso brasileiro, durante o período da ditadura militar, observamos a constituição de redes pela democratização e por direitos humanos; após, com a transição para a democracia, as redes para a consolidação da cidadania emergem; em seguida, com o aprofundamento do processo de globalização, as redes antiglobalização entram em cena; e, com os crescentes impactos da violência, as redes pela paz ganham visibilidade pública.

Irei agora exemplificar sobre a concretização histórica dessas redes em algumas realidades latino-americanas.

1 Movimentos pró-democratização e de direitos humanos

Foram organizados como uma rede de diversos movimentos localizados em muitos países da América Latina. Na Argentina, os movimentos de defesa dos direitos humanos e a luta travada pelas Mães da Praça de Maio foram particularmente visíveis. No Brasil, o movimento pró-democratização se fortaleceu a partir do movimento estudantil de 1960, seguido pela mobilização da Igreja Progressista, posteriormente com o novo sindicalismo, os quais unidos com o conhecido movimento popular e alguns dos novos movimentos sociais, formaram uma extensa rede de mobilização pelas eleições diretas (Diretas Já), e assim por diante.

2 Movimento cidadão

Aqui já temos redes construídas em torno dos valores como da cidadania (humana, civil, social e direitos de terceira geração) e da democracia (justiça, participação, reconhecimento das diferenças, etc.). Estas redes pretendem consolidar o fortalecimento para a cidadania, após um duro período de ditaduras e dar continuidade a alguns dos movimentos anteriores: no Brasil, do Movimento pela Anistia consolidaram-se muitas ONG's e a Comissão de Justiça e Paz; a partir das mobilizações pelo *impeachment* do ex-presidente Collor, originou-se o Movimento pela Ética na Política, o qual estimulou a Campanha Contra a Fome e, após, articulou demandas por igualdade com demandas pelos direitos humanos num sentido mais amplo.

3 Movimento "antiglobalização" ou "por uma outra globalização"

Aqui temos o aprofundamento do encontro de políticas de igualdade com políticas da diferença. A realização dos Fóruns Sociais Mundiais em Porto Alegre trouxe para a América Latina, especialmente para o Brasil, um importante referencial de redes planetárias. O lema "Um Outro Mundo é Possível" contém muitos significados: um

mundo sem dominação, sem pobreza, exclusão, discriminação, segregação, autoritarismo, violência, etc. A maioria dos atores sociais e organizações, que esteve presente nas várias edições do Fórum Social Mundial, estava mobilizada no sentido de desenvolver uma nova cultura de paz e com respeito às diferenças. Mas, tensões foram geradas no confronto com grupos minoritários que acreditavam em uma forma mais agressiva de luta. Trouxeram à tona uma importante questão: como construir uma cultura da paz em um mundo violento? Este é um desafio para o próximo movimento.

4 Movimento pela paz

Podem ser considerados três tipos de violência: o risco da violência no cotidiano da vida nas cidades, principalmente nas grandes metrópoles; o conflito de civilizações ou culturas políticas dentro de uma nação; e guerras entre Estados (menos frequentes na América Latina). Para este primeiro tipo de violência, as redes de organizações e cidadãos, como o chamado "Viva Rio", conduziram, através da mobilização civil, demandas por uma maior segurança na cidade. Ao nível da violência no cotidiano das cidades, existe também um número considerável de ONG's que trabalham em relação à violência contra a mulher, às minorias étnicas, aos idosos, às crianças de rua, ao trabalho infantil. Em relação às guerras civis, as redes são bastante conjunturais e organizam manifestações públicas de paz em momentos estratégicos.

É relevante notar que, na América Latina, as demandas por paz são permeadas por necessidades de mudança mais estruturais, como em relação à extrema desigualdade social (pobreza e miséria), a muitos tipos de discriminação (de gênero, étnicas, etárias, regionais, etc.), à usurpação pública (corrupção, roubo, etc.), à injustiça (ineficiência de procedimentos legais) e a muitas outras, além da criminalidade, comum no cotidiano, e dos ineficientes métodos de controle.

Além disso, na medida em que as redes e as mobilizações pela paz incorporarem, como parte de sua trajetória, o pensamento social crítico e reflexivo sobre a posição social e as inter-relações dos sujeitos em contextos

O uso do termo *redes* nesse contexto se refere a conexões políticas, simbólicas e informacionais/comunicacionais que são estabelecidas através de atores sociais, organizações sociais, (como ONG's e outras) e movimentos sociais específicos.

multiculturais, poderão estar caminhando para além da tolerância com “o outro”, para situações de desenvolvimento de práticas e vivências verdadeiramente interculturais, com o devido reconhecimento às diversidades culturais dos sujeitos.

Concluindo

Os movimentos sociais na atualidade tendem a ser organizados sob a forma de redes interorganizacionais e/ou de sujeitos coletivos politicamente ativos, as quais se constituem em torno de elos de solidariedade identitária, articulações de estratégias políticas e reflexividade crítica. Essas três dimensões foram exploradas no presente trabalho e ilustradas a partir de exemplos concretos de redes de ações coletivas relevantes na América Latina contemporânea.

Quanto à sua abrangência organizacional e propositiva, essas redes foram dimensionadas em dois tipos:

- **redes de organizações civis**, referindo-se a redes interorganizacionais resultantes da articulação de movimentos específicos (por exemplo, da economia solidária, de gênero, étnicos, etc.), ou de formas organizacionais específicas (como voluntariado, terceiro setor, ação educativa, democracia participativa, etc.);
- **redes de movimentos sociais**, referindo-se às redes de redes que se constituem em torno de uma proposta mais abrangente de transformação social ou sistêmica, como foram ou são os movimentos pela democratização na América Latina, pós-período ditatorial na última metade do século passado; o movimento cidadão pela ampliação ou reconhecimento dos direitos humanos, especialmente consolidado a partir dos processos de democratização dessas sociedades; o movimento “antiglobalização”, que se consolidou em nosso continente a partir da realização das várias edições do Fórum Social Mundial em Porto Alegre; e o movimento pela paz, fruto e reação ao aumento de diversas formas de violência na sociedade latino-americana.

Essas diversas formas movimentalistas também interagem entre si, constituindo o tecido social do ativismo civil na América Latina. Além disso, a oportunidade de realização do Fórum Social Mundial em nosso continente vem possibilitando o encontro desta multiplicidade de expressões da sociedade civil organizada dos diversos países e o diálogo em prol da cidadania numa abrangência mundial.

Recebido em 15.06.2004.

Aprovado em 19.01.2005.

Referências

CASTELLS, M. Materials for an exploratory theory of the network society. *The British Journal of Sociology*, v. 51, n.1, p. 5-24, Jan./Mar., 2000.

DUSSEL, E. *Ética da libertação: na idade da globalização e da exclusão*. Tradução de Epharaim Ferreira Alves et al. Petrópolis: Vozes, 2000.

GOLDFARB, J. C. *Civility & subversion: the intellectual in democratic society*. United Kingdom: Cambridge University Press, 1998.

ROSSIAUD, J.; SCHERER-WARREN, I. *Democratização em Florianópolis: resgatando a memória dos movimentos sociais*. Itajaí/Florianópolis: Editora da Univali/Diálogo, 1999.

_____. *A democratização inacabável: as memórias do futuro*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SADER, E. *Quando novos personagens entraram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo – 1970-80*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SCHERER-WARREN, I. *Cidadania sem fronteiras: ações coletivas na era da globalização*. São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. Movimentos em cena ... e as teorias por onde andam? In: SCHERER-WARREN, I. et al. (Orgs.). *Cidadania e multiculturalismo: a teoria social no Brasil contemporâneo*. Lisboa/Florianópolis: Socius/Editora da UFSC, 2000, p. 23-51.

_____. Redes e sociedade civil global. In: HADDAD, S. *ONGs e universidades: desafios para a cooperação na América Latina*. São Paulo: Abong; Peirópolis, 2002, p. 63-92.

SOUSA SANTOS, B. Porque é tão difícil construir uma teoria crítica? *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.54, p. 197-215, jun. 1999.

Notas

- 1 Distinguímos neste texto as noções de interculturalismo e multiculturalismo. Pelo último entendemos a inscrição/presença de culturas múltiplas na realidade social, concomitantes, no atual mundo globalizado ou “multicultural”. A idéia de interculturalismo refere-se a um **tipo de relação e prática entre essas culturas**, onde se inscrevem experiências e trocas intersubjetivas entre os atores das diferentes culturas e o respeito à diversidade cultural. Maiores detalhes em Scherer-Warren (2000).

- 2 Vide a esse respeito Rossiaud e Scherer-Warren (1999 e 2000).

Ilse Scherer-Warren

ilse@manezinho.com.br

Centro de Filosofia e Ciências Humanas – CFH
Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política
Universidade Federal de Santa Catarina
Campus Universitário Trindade
Florianópolis – SC
CEP: 88040-900